

O POSSIBILISMO NA GEOGRAFIA

META

Discutir as principais características do Possibilismo, a fim de perceber como esse movimento de ideias se desenvolveu na Geografia.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

identificar as principais características do Possibilismo, de forma a perceber como esse movimento de ideias se desenvolveu na Geografia.

PRÉ-REQUISITOS

Considerando a complexidade do tema, já abordado por diversos autores e considerando ainda, que este texto foi pensado e escrito sob a ótica dos autores mencionados na bibliografia, é recomendável que você faça a leitura da bibliografia indicada no final dessa aula, o que facilitará a sua compreensão, ao tempo em que suprirá as possíveis lacunas do texto.



Duas formas de intervir no meio.
(Fonte: <http://www.arch.mcgill.com>).

INTRODUÇÃO

Nessa aula vamos continuar trilhando o caminho da Geografia Tradicional que, como já vimos, teve como base o Positivismo, que surgiu na França, no final do século XIX, alcançou a Alemanha no começo do século XX, e nos Estados Unidos, na década de 1920. O Possibilismo discute as relações homem-meio natural, mas diferentemente do Determinismo, não entende a natureza, como fator determinante do comportamento humano. Com o Possibilismo entende-se que o ambiente não explica tudo, pois é preciso perceber que a presença do homem como agente que modifica o ambiente em que ele vive.



Lapônia, região norte da Escandinava. Lá localiza-se um dos maiores grupos indígenas da Europa, os sami ou lapões.
(Fonte: <http://grupoviagem.uol.com.br>).

O POSSIBILISMO NA GEOGRAFIA

Uma grande referência do Possibilismo é Vidal de La Blache, que fundou a escola francesa de Geografia e, com a sua nova forma de pensar, deslocou para a França o eixo da discussão geográfica, até então sediado na Alemanha. Do mesmo modo que as colocações de Ratzel pautavam-se na sua realidade social, a Geografia de Vidal de La Blache deve ser compreendida no âmbito do desenvolvimento histórico da França.

À época, muitos intelectuais manifestaram suas reações às extremas generalizações dos deterministas ambientais. Foi nesse contexto que o Possibilismo se apresentou como uma escola do pensamento geográfico, opondo-se ao Determinismo Ambiental germânico. Essa oposição era definida por uma relação de causa e efeito, ou seja, a natureza determinando a ação humana - e não por um objeto empiricamente identificável.

Os defensores do Possibilismo entendiam que o homem era apresentado como um agente ativo, ao invés de passivo, como na visão determinista. Esse grupo de defensores daquele movimento foi liderado por geógrafos franceses, seguidores do historiador Lucien Febvre e assim, “[...] os possibilistas apresentaram um modelo em que o homem percebe o leque de usos alternativos que ele poderia fazer do meio ambiente”, (JOHNSTON, 1986, p. 60). Selecionando desse modo, aqueles que melhor respondem as suas disposições culturais.

Sob o olhar de Moraes (1986), você vai perceber as críticas efetuadas por Vidal às formulações de Ratzel e que delineiam a posição do Possibilismo:

- A primeira crítica dizia respeito à politização explícita do discurso Ratzel. Para Vidal, as teses ratzelianas tratavam abertamente de questões políticas. Desse modo, Vidal “condenou a vinculação entre o pensamento geográfico e a defesa de interesses políticos imediatos, brandindo o clássico argumento liberal da necessária neutralidade do discurso científico”. (MORAES, 1985, p. 66).

- A segunda crítica incidiu diretamente no caráter naturalista presente no pensamento de Ratzel. Vidal criticou a minimização do elemento humano, que aparecia de forma passiva nas teorias de Ratzel. Foi nessa crítica que Vidal

[...] defendeu o componente criativo (a liberdade) contido na ação humana, que não seria apenas uma resposta às imposições do meio. Assim, valorizou a História, valendo-se de sua formação acadêmica de historiador. Aqui, residiu sem dúvida a contribuição mais importante de Vidal de La Blache para o desenvolvimento do pensamento geográfico. (MORAES, 1985, p. 66).

- A terceira crítica de Vidal foi desenvolvida em torno da anterior, incidindo sobre a Antropogeografia, de Ratzel. Vidal declarou a sua oposição em relação à concepção fatalista e mecanicista da relação entre os homens e a

natureza. Assim, atingiu diretamente a ideia da determinação da História pelas condições naturais. Partindo dessa ideia, Vidal propôs “[...] uma postura relativista, no trato dessa questão, dizendo que tudo o que se refere ao homem é mediado pela contingência. Este posicionamento, aceito por seus seguidores, fez com que a Geografia francesa abandonasse qualquer intento de generalizar. (MORAES, 1985, p. 67).

A partir destes três pontos, Vidal de La Blache definiu a base do Possibilismo na Geografia, que pressupõe o homem como um ser ativo, o qual recebe a influência do meio, mas que também atua sobre este, transformando-o. Vidal de La Blache entendeu que as necessidades humanas são condicionadas pela natureza, e que o homem nesse processo, procura as soluções para satisfazê-las a partir das condições oferecidas pelo próprio meio. Nessa interação homem-meio, a natureza passou a ser vista com o possibilidades para a realização da ação humana.

A partir dessa premissa, o objeto de estudo da Geografia, nessa concepção era a superfície da Terra e os fenômenos que aí se produzem. Pautada nesse entendimento, a Geografia deveria integrar os fatos que as outras disciplinas estudam separadamente, por meio de dois caminhos que se complementam, e que nos levam a perceber que os fenômenos estão em permanente conexão: Primeiro, por intermédio das categorias sintéticas utilizadas no discurso vidaliano e o segundo, por meio da percepção dos fatos, através de suas manifestações fenomênicas e de suas fisionomias. No entendimento de Vidal, “[...] não há necessidade de criar mecanismos de análise estruturais para explicá-los, trata-se somente de olhá-los, pois o que se mostra é o fato em toda a sua complexidade e amplitude”. (GOMES, 2007, p. 209). Já no processo de análise geográfica, La Blache propôs o seguinte encaminhamento dos seguintes pontos:

[...] observação de campo, indução a partir da paisagem, particularização da área enfocada (em seus traços históricos e naturais), comparação das áreas estudadas e do material levantado, e classificação das áreas e dos gêneros de vida, em “séries de tipos genéricos”. Assim, o estudo geográfico, na concepção vidalina, culminaria com uma tipologia. (MORAES, 1986, p. 72).

Na proposta Vidalina, o caráter humano da Geografia foi realçado, vinculando todos os estudos geográficos à Geografia Humana, que foi concebida como um estudo da paisagem. Nesse sentido, é preciso perceber que a Geografia vidalina tratou de:

[...] população, de agrupamento, e nunca de sociedade; fala de estabelecimentos humanos, não de relações sociais; fala das técnicas e dos instrumentos de trabalho, porém não de processo de produção. Enfim, discute a relação homem-natureza, não abordando as relações entre os homens. É por esta razão que a

carga naturalista é mantida, apesar do apelo à História, contido em sua proposta. (MORAES, 1986, p. 72).

Desse modo, o método incorporava dois aspectos importantes:

[...] a tradição das narrativas de viagens e das descrições regionais se encontrava incorporada em sua construção científica. A premissa fundamental residia na necessidade de começar pela observação direta. Como Vidal recusava todo sistema apriorista, essa observação devia se produzir pelo contato direto com a realidade estudada, o pesquisador interrogando diretamente seu objeto. O olhar deve se fazer erudito para perceber estas ligações, pois, aos olhos do profano, as coisas estão sempre em dispersão. (GOMES, 2007, p. 209).

Para Gomes (2007), pela reunião de elementos contidos na fase de observação, é possível estabelecer entre eles, relações explicativas ou perceber as relações entre suas recíprocas variações. Desta maneira, observa-se um encadeamento dos fenômenos, o que, aliás, é uma ideia muito cara ao pensamento de Vidal. Assim, para cada região, existe um movimento particular resultante das combinações múltiplas entre os elementos que a compõem.

Mas o que Vidal de La Blache entendeu por região? “[...] as regiões existem como unidades básicas do saber geográfico, não como unidades morfológica e fisicamente pré-constituídas, mas sim como o resultado do trabalho humano em um determinado ambiente”. (GOMES, 2000, p. 56). Ainda me referenciando nesse autor que acrescentou:

São assim as formas de civilização, a ação humana, os gêneros de vida, que devem ser interrogados para compreendermos uma determinada região. São eles que dão unidade, pela complementariedade, pela solidariedade das atividades, pela unidade cultural, a certas porções do território. (GOMES, 2000, p. 56).

Assim, a região se apresentou nessa corrente como um novo conceito da Geografia e ainda a sua base de investigação. É considerando as formas de civilização, a ação humana e os gêneros de vida que se deve começar a descrição de uma região, visando encontrar a identidade de cada região. Nesse processo de investigação, a descrição é o método recomendado, ao tempo em que representava o “esclarecimento dos fatores responsáveis por cada paisagem. A descrição seletiva dos aspectos mais importantes e de seus movimentos continha já os germes da explicação”. (GOMES, 2007, p. 210). Diante disso, percebemos que na concepção de Vidal não se pode ter um modelo descritivo rígido, e sim um modelo que possibilite ao pesquisador a leitura e a indagação das especificidades de cada lugar. Por isso, tal modelo deve ser flexível.

CONCLUSÃO

Nessa rápida trajetória, você percebeu as circunstâncias de surgimento do Possibilismo, ao tempo em discutiu as suas principais características, e ainda entendeu como esse movimento de ideias se desenvolveu na Geografia.



RESUMO

O Possibilismo discute as relações homem-meio natural. Apresentando-nos um viés interpretativo diferente daquele apresentado por Ratzel que entende a natureza, como fator determinante do comportamento humano. Desse modo, fez oposição ao Determinismo Ambiental germânico criticando a ideia de que a natureza determinava a ação humana.

Vidal de La Blache definiu a base do Possibilismo na Geografia, que pressupõe o homem como um ser ativo, que recebe a influência do meio, mas que também atua sobre este, transformando-o. Vidal de La Blache entendeu que as necessidades humanas são condicionadas pela natureza, e que o homem nesse processo, procura as soluções para satisfazê-las, a partir das condições oferecidos pelo próprio meio. Nessa interação homem-meio, a natureza passou a ser vista como possibilidades para a realização da ação humana.

Outro ponto importante no pensamento de Vidal é o conceito de região que se apresentou nessa corrente como um novo conceito para a Geografia, e ainda se tornou a sua base de investigação. É considerando as formas de civilização, a ação humana e os gêneros de vida, que se deve começar a descrição de uma região, visando encontrar a identidade de cada lugar. Nesse processo de investigação, a descrição é o método recomendado. É devido a tais elementos que, na concepção de Vidal, não se pode ter um modelo descritivo rígido, e sim um modelo flexível, que possibilite ao pesquisador a leitura e a indagação das especificidades de cada lugar.



ATIVIDADES

1. Agora que você conhece a estrutura do Determinismo e do Possibilismo, estabeleça a diferença entre essas duas correntes de pensamento da Geografia Tradicional.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para responder a essa questão, faça uma releitura da aula anterior e desta, assim você perceberá a diferença entre as duas correntes de pensamento.

PRÓXIMA AULA

Ainda trilhando o caminho da Geografia Tradicional, você vai compreender o propósito da Geografia Regional.



AUTO-AVALIAÇÃO

Agora que você terminou a sua leitura, indique o nível de compreensão deste texto:

Excelente (...)

Bom (...)

Regular (...)

Ruim (...)



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Ática, 1987.

CAPEL, Horacio. **Filosofia y ciencia em la geografía contemporánea**. Barcelona: Barcanova, 1988.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

GOMES, Paulo César da Costa. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

JOHNSTON, R. J. **Geografia e Geógrafos**: a geografia humana anglo-americana desde 1945. São Paulo: Difel, 1986.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Hucitec, 1986.

REALI, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: do Romantismo até os nossos dias. São Paulo: Paulus, (Coleção Filosofia) v. 3. 1991.